

Dois dias, uma noite

JEAN PIERRE DARDENNE E LUC DARDENNE ¹

Poliana Coeli Costa Arantes

“Dois dias, uma noite” (*Deux jours, une nuit*), dos irmãos Jean Pierre e Luc Dardenne, é um longa metragem do tipo *road-movie*, que acompanha a saga de uma mulher em busca da manutenção de seu emprego em uma empresa de fabricação de painéis solares, que estaria passando por um período de crise econômica devido à concorrência chinesa no mercado internacional. O filme belga, de 2014, indicado à Palma de Ouro do Festival de Cannes no mesmo ano, apresenta a história de Sandra (Marion Cotillard) que luta para ter sua demissão revertida após uma votação produzida por seu patrão, levando a maioria dos funcionários da empresa a decidir pelo recebimento de uma gratificação em detrimento da manutenção do emprego de Sandra na empresa. A trama vai então acompanhar a peregrinação da protagonista às casas de seus colegas de trabalho em *dois dias e uma noite*, expondo os encontros, afetos, movimentos e sentidos construídos nos processos empreendidos por ela com a ajuda de seu marido, de seus filhos e de uma colega de trabalho.

Prestes a retornar à rotina de trabalho na empresa, logo após ter se afastado para tratar de uma grave depressão, Sandra recebe a impactante notícia de que perdera seu emprego. Seu patrão, M. Dumont (Batiste Sornin), diz ter que cortar gastos e, assim, promove uma cruel votação, por meio da qual os funcionários da empresa teriam que escolher entre: (i) a manutenção do emprego de Sandra ou (ii) o recebimento de uma gratificação². Essa primeira

¹ Bélgica, 2014. *Deux jours, une nuit*. Filme de 95 minutos.

² Essa é uma prática muito recorrente em algumas empresas na Europa. Como não há na legislação trabalhista, de muitos países europeus, a obrigação de pagamento do 13°

votação, com resultado desfavorável à protagonista, é anterior ao início do filme. Desse modo, as diversas possibilidades de desdobramento não são questionadas, mas apresentadas como ponto de partida. Um ponto de partida que poderia, à primeira vista, assumir contornos pretensamente democráticos, afinal a realização de um processo de votação em um ambiente privado parece incompatível com o habitual cotidiano empresarial brasileiro. Com efeito, os contornos aparentemente democráticos contribuem para um primeiro apagamento: muitas variáveis e vozes que superpõem os direitos humanos, o direito ao trabalho, para conseguir garantir a manutenção dos lucros da empresa.

A votação que acontece nesse primeiro momento é somente mencionada no filme, e é apresentada como se fora muito manipulada por seu colega de trabalho, Jean-Marc (Olivier Gourmet), que teria encorajado seus colegas a votarem a favor do bônus e, conseqüentemente, contra a manutenção do emprego de Sandra. Inconformada com a influência de Jean-Marc na decisão de seus colegas, Juliette (Catherine Salée) resolve intervir em defesa da colega e suplica por uma nova votação a M. Dumont, com vistas a tentar neutralizar a interferência de Jean-Marc no processo. O patrão concorda com uma nova votação na segunda-feira. Desse modo, Sandra teria que tentar “convencer” a maioria de seus colegas a desistir da gratificação para então garantir seu emprego. Começa aí a peregrinação da personagem, que tem apenas um fim de semana para conversar com seus colegas e mudar o resultado em uma segunda votação.

Nesse momento, desde a preparação para dirigir-se aos colegas até as diferentes formas de se aproximar de cada um deles, são outros aspectos que passam a assumir a cena. O espectador é então conduzido ao universo familiar da protagonista. Sandra é mãe de duas crianças pequenas e depende do salário para, juntamente com o do marido, pagar, entre outras coisas, a casa onde vivem. Ao lado desses aspectos financeiros, a personagem é retratada em luta permanente

salário, essa prática é bastante variável e o montante é definido pelo próprio empregador. Algumas empresas dividem parte de seus lucros entre seus funcionários, no final do ano. Tal gratificação é conhecida como bônus ou gratificação natalina, mas não está garantida como direito constitucional dos empregados.

pelo restabelecimento da saúde, ainda sob certos efeitos da depressão, provavelmente ocasionada pela própria dinâmica de seu trabalho – aspecto sugerido, mas invisibilizado no filme, já que em muitos momentos ela volta a tomar antidepressivos para se acalmar. Na tensão pela vida saudável, mesclam-se os efeitos da doença, mal-estar proveniente de situações adversas e a vontade de desistir da luta pelo emprego. Porém, a companhia e incentivo do marido, Manu (Fabrizio Rongione), e de Juliette encorajam Sandra a visitar cada um de seus colegas de trabalho e pedir-lhes para reconsiderarem seus votos.

Na sequência da narrativa, sustentam-se diversas polêmicas a partir do que foi apresentado inicialmente como um dado de realidade: a demissão de uma colega como opção da maioria e a possibilidade de revertê-la supõem a oposição, na primeira votação, entre a gratificação e o emprego de uma funcionária. Trata-se, todavia, de um fato que não existe por si só, pois é necessário que outros enunciados (atos) - crise econômica, concorrência chinesa (plano macro) - sejam retomados para “criar” a necessidade da votação como fato inquestionável, sustentando, assim, as ações no plano micro de ação. Após essa criação do fato, o patrão “transmite” a responsabilidade da “escolha” a seus funcionários, sugerindo um revestimento democrático ao ato, pois parece dar a seus funcionários a falsa ilusão de estarem “participando” de uma decisão, mas a decisão já fora tomada: o corte de gastos recairá sobre os trabalhadores (ou eles receberão um bônus, ou alguém vai ficar desempregado).

No momento em que há a produção desta relação excludente entre o emprego *versus* a gratificação, cria-se uma cenografia de combate entre o individual e o coletivo, que é possível de ser disputada, pois escolher pelo bônus pode se justificar tanto por uma atitude coletiva (um número maior de funcionários serão beneficiados), quanto individual (utilizar o dinheiro para sua satisfação pessoal). A manutenção do emprego de Sandra também pode ser disputada, tanto no plano coletivo (o trabalho será dividido e os funcionários não precisarão fazer hora-extra), quanto no plano individual a protagonista precisa do dinheiro para pagar a casa onde mora com a família).

Muitas outras frentes poderiam ser problematizadas nesta resenha sobre o filme, pois, a partir de um dilema corriqueiro e

comum em nossa organização de trabalho no mundo capitalista, no filme são discutidos planos muito profundos de organização e relações de trabalho, tais como: precarização do trabalho e consequentes perdas de direito, relação da doença com a produtividade, descarte de funcionários, afetos e relacionamentos no ambiente de trabalho, e, sobretudo, a produção de subjetividades possibilitada pelos movimentos de si e dos outros, que nos deixam pistas de que essas produções são guiadas mais pelos processos do que pelos resultados.

Nesse sentido, exploraremos essa produção de subjetividades a partir dos encontros de Sandra com seus colegas. Por meio do conceito de subjetividade em Guattari (1992), partimos da ideia de que “a subjetividade, de fato, é plural, polifônica (...) e ela não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca”. O filme mostra essa dimensão polifônica, principalmente por meio do encontro de Sandra com os colegas em situações e movimentos distintos, que acabam produzindo processos antes inimagináveis, pois a protagonista argumentava com Manu e Juliette que conversar com seus colegas de trabalho seria inútil, não resultaria em nada, pois seria óbvio que eles escolheriam ganhar a gratificação. No entanto, as conversas com seus colegas disparam outros movimentos, movimentos inesperados e demonstrações de afeto que acabam fortalecendo sua vontade de continuar a compor outras formas de vida por meio de seu percurso de luta contra os sentidos pré-estabelecidos por ela mesma.

Porém, esse percurso é também atravessado por manifestações desfavoráveis a Sandra, pois alguns colegas declaram o voto ao recebimento da gratificação, justificando suas necessidades perante a família. Nesse momento entram em cena outras vozes, aliando-se e fortalecendo a posição desfavorável: a do compromisso familiar assumido previamente com a esposa, a voz do compromisso assumido com a financiadora de imóveis, a voz do compromisso assumido com a filha por mantê-la em uma universidade fora da cidade, dentre outras. Em alguns momentos, percebe-se até que a demonstração de afetos (hostilidade, soberba) contribui para o constrangimento de Sandra, já que ela tenta o contato com o outro e se coloca para ele como sendo uma outra voz/possibilidade nesse percurso, mas uma voz que não é bem-vinda, que é, portanto,

rechaçada. Esses são os territórios mais difíceis de serem acessados, pois não demonstram abertura para ouvir, para considerar outras vozes, outras argumentações.

Não obstante, o encontro de Sandra com outros colegas produz outros tipos de afeto (solidariedade, compaixão), como é o caso do encontro com um colega recém-contratado, Timur (Timur Magomedgadzhiev), que inclusive agradece pela conversa, pois se sentia mal desde o dia da primeira votação em que se deixou persuadir por Jean-Marc e votou contra a manutenção do emprego dela. Ao encontrar-se com Sandra, Timur sente-se envergonhado e redime-se por meio do choro, agradecendo à colega a oportunidade de reverter seu voto em uma segunda votação. Aqui o encontro com outros afetos, tais como a reparação, o poder se afirmar de outros modos possíveis, o ser diferente do que se é, parece ser uma produção possível do encontro que se deu entre Sandra e Timur. Essa atitude põe em cena a importância do encontro com o outro, pois há fragmentações possíveis na decisão que se colocou anteriormente, já que cada um vota a partir de sua interação com outras vozes, com outros movimentos.

É possível, portanto, perceber que o resultado da primeira votação não é coeso, ou seja, as pessoas não votaram pela gratificação pelos mesmos motivos e, por isso mesmo, o que está em jogo são sentidos disputáveis. Essa intuição parece ficar cada vez mais clara quando Sandra conversa com cada colega e consegue dialogar com as justificativas e motivos que sustentaram seus votos, até então, favoráveis à gratificação. A primeira votação, portanto, não consolida um final, mas um estágio passível de fragmentações.

Esse movimento de Sandra em direção ao encontro com o outro nos faz perceber que alguns colegas se colocam mais abertos à possibilidade de mudança, de votar pela manutenção do emprego dela, ao contrário de outros. Os que se colocam mais flexíveis e abertos à possibilidade dialogam com muitas outras vozes para além do recebimento da gratificação e seus efeitos em suas vidas, tais como as vozes da solidariedade, da retribuição de favores, do altruísmo, dentre outras. Vê-se, portanto, que o resultado que a votação pode ter não é um em si, mas depende de um processo de autonomização do sujeito frente às várias vozes e possibilidades de interagir com diferentes cenários.

Todo esse enredo nos faz pensar também sobre como o próprio movimento, os atos que constituem a saga de Sandra, foram importantes para seu próprio fortalecimento frente aos efeitos da depressão que ela insistia em fazer aparecer diante dos desafios do processo de luta pelo emprego. Essa é a aposta de Guattari (1992, p. 9): “ fazer funcionar o acontecimento como portador eventual de uma nova constelação de Universos de referência”, para que o processo de análise por meio dessa concepção permita que o tempo deixe de ser vivido passivamente; pois “ele é agido, orientado, objeto de mutações qualitativas”.

Referência bibliográfica

GUATTARI, F. (1992), *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34.